



A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA ANTIRRACISTA OU SOBRE QUANDO SUJEITO E *OBJETO* (SE) PESQUISAM

*Ricardo Dias de Castro*¹

*Claudia Andréa Mayorga Borges*²

Resumo: O presente artigo é resultado de reflexões metodológicas construídas a partir de uma pesquisa realizada, no âmbito da Psicologia Social, que teve como interesse compreender a trajetória de universitários negros de classe média na UFMG. A complexidade em construir um campo político-cientificamente polimórfico e polifônico; levou-nos a querer explicitar, nesse artigo, alguns meandros do processo de pesquisa em uma ciência implicada com o combate ao racismo no Brasil. Percebe-se que a construção de um campo de pesquisa nacional acerca das relações raciais contribui para compreendermos alguns processos histórico-políticos na pesquisa científica, o que, por conseguinte, exige-nos posições em relação ao debate sujeito/sociedade presente na Psicologia Social. Conseguimos, também, apontar possíveis caminhos na investigação da classe média negra universitária, bem como discutir a importância dos relatos narrativos no campo das relações raciais.

Palavras-chave: ciência; metodologia; racismo; narrativas; psicologia social.

THE CONSTRUCTION OF AN ANTIRACIST RESEARCH FIELD OR ABOUT WHEN SUBJECT AND OBJECT RESEARCH THEMSELVES

Abstract: The present article is the result of methodological reflections built from a research within Social Psychology, which had as an interest to understand the trajectory of black middle class university students at UFMG. The complexity in constructing a politico-scientifically polymorphic and polyphonic field; led us to want to make explicit, in this article, some intricacies of the research process in a science implicated in the fight against racism in Brazil. It is perceived that the construction of a national research field on race relations contributes to understand some historical-political processes in scientific research, which, therefore, requires us positions in relation to the subject /society debate present in Social Psychology. We have also been able to point out possible paths in the investigation of the black middle class university students, as well as to discuss the importance of narrative reports in the field of race relations.

Key-words: science; methodology; racism; narratives; social psychology.

LA CONSTRUCTION D'UN CHAMP DE RECHERCHE ANTIRRACISTE OU À PROPOS DE LA RECHERCHE SUJET ET OBJET (SI)

Resumé: Cet article est le résultat de réflexions méthodologiques construites à partir d'une recherche menée dans le domaine de la psychologie sociale, qui avait pour intérêt de comprendre la trajectoire des étudiants universitaires noirs de la classe moyenne à l'UFMG. La complexité dans la

¹ Professor na Faculdade Ciências da Vida (FCV) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (2018). *E-mail:* ricardodiascastro@gmail.com

² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Coordena o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes na UFMG. *E-mail:* mayorga.claudia@gmail.com



construction d'un champ politico-scientifiquement polymorphe et polyphonique; nous a conduit à vouloir expliciter, dans cet article, certaines subtilités du processus de recherche dans une science impliquée dans la lutte contre le racisme au Brésil. Il est perçu que la construction d'un champ de recherche national sur les relations raciales contribue à comprendre certains processus historico-politiques de la recherche scientifique, ce qui nous oblige donc à nous positionner par rapport au débat sujet / société présent en psychologie sociale. Nous avons également été en mesure d'indiquer les voies possibles dans l'enquête de la classe moyenne noire universitaire, ainsi que de discuter de l'importance des rapports narratifs dans le domaine des relations raciales.

Mots-clés: science; méthodologie; racisme; récits; psychologie sociale

LA CONSTRUCCIÓN DE UN CAMPO DE INVESTIGACIÓN ANTIRRACISTA O SOBRE CUÁNDO EL SUJETO Y EL OBJETO INVESTIGAN ELLOS MISMOS

Resumen: El presente artículo es resultado de reflexiones metodológicas construidas a partir de una investigación realizada en el ámbito de la Psicología Social, que tuvo como interés comprender la trayectoria de universitarios negros de clase media en la UFMG. La complejidad de construir un campo político-científicamente polimorfo y polifónico nos llevó a querer explicitar, en este artículo, algunos meandros del proceso de investigación en una ciencia implicada con el combate del racismo en Brasil. Se percibe que la construcción de un campo de investigación nacional acerca de las relaciones raciales contribuye para comprender algunos procesos histórico-políticos en la investigación científica. y que, por consiguiente, nos exige posiciones en relación con el debate sujeto/sociedad presente en la Psicología Social. Conseguimos, también, apuntar posibles caminos en la investigación de la clase media universitaria, bien como discutir la importancia de los relatos narrativos en el campo de las relaciones raciales.

Palabras-clave: ciencia; metodología; racismo; narrativas; psicología social.

UMA CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA OU SOBRE AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DE SE FAZER CIÊNCIA

A construção de um problema de pesquisa exige de nós - seres humanos que pesquisam - construções, elucubrações, movimentos, retomadas e recuos epistêmico-teórico-metodológicos que reverberam em angústias, sofrimentos e em uma reescrita constante do registro, em papel, do processo investigativo.³ Muito se narra sobre os louros, os sucessos e os empreendimentos bem-sucedidos e lineares da construção e feitura de uma pesquisa; mas, raramente se reflete ou se diz sobre aquilo que saiu do prescrito ou da ordem hipotética na construção do conhecimento científico; bem como sobre as dúvidas, as incertezas e as *impurezas* do campo. Ora, uma proposta mais, tradicional, de uma pesquisa lidará com a ciência a partir de uma postura epistêmica que opere com dimensões que

³ O artigo será escrito ora em primeira pessoa do singular, referindo-se às vivências do primeiro autor; ora em primeira pessoa do plural quando as considerações tiverem sido construídas em orientação e em outros processos coletivos.



desloquem, muitas vezes dicotomicamente, entre o certo e o errado e, portanto, na direção de uma *suposta* verdade sobre os fatos. Dessa forma, os dados *enviesados* são lidos como problemas efeitos de um procedimento equivocados que gerou dados inúteis.

No entanto, quando pesquisamos problemas sócio-políticos complexos, as incertezas e as inseguranças - comuns a todo e qualquer processo investigativo - ganham contornos e dimensões que reverberam direta e fortemente sobre o próprio pesquisador e, sendo assim, a busca pela verdade começa a se esvaziar de sentido e a ser algo cada vez mais distante (Mayorga, 2013; Schucman, Costa & Cardoso, 2012). Com isso queremos dizer que partimos de um pressuposto de que não há qualquer verdade absoluta ou à priori na construção de um problema científico: seja no campo dos métodos quali ou quantitativos; bem como na engenharia ou na antropologia e, finalmente, dentro ou fora dos laboratórios e dos procedimentos experimentais. Não há como haver qualquer produção de conhecimento que seja independente do complexo fenômeno humano de nós mesmos. E, portanto, a produção das pesquisas científicas é marcada pelos elementos subjetivos, históricos e políticos que circunscrevem o processo da ciência (Latour, 2001; Patai, 2010).

A construção de um campo-tema acerca da classe média negra universitária brasileira, por exemplo, não foi tarefa fácil e seria impossível apresentar todas as idas e vindas presentes na investigação da trajetória desses jovens no âmbito da realização de uma pesquisa na Psicologia Social.⁴ No entanto, é certo que a complexidade desse problema para a ciência, para a política, para as relações sociais e para mim – um pesquisador negro universitário de classe média – não se resolveria em uma grande escolha universalizante a nível teórico-metodológico e, tampouco, na ordenação de uma escrita linear, neutra e objetiva dessa pesquisa. Isso porque:

Pesquisar experiências invisibilizadas e, muitas vezes, desqualificadas é um grande desafio para a pesquisa social. Ao explicitar e dialogar com realidades e experiências, muitas vezes não reconhecidas ou reconhecidas de forma subalterna, e duvidar e indagar as lógicas de naturalização das concepções acerca da relação entre juventude e política, é importante estar aberto para repensar caminhos (de pesquisa) distintos (Mayorga, 2013. p.349)

⁴ Pesquisa completa disponível na biblioteca digital da UFMG: Nós queremos reitores negros, saca? Trajetórias de universitários negros de classe média na UFMG (dissertação de mestrado)



Ora, historicamente, a hegemonia epistemológica da ciência ocidental, europeia e moderna a converteu na única forma de conhecimento válido, legítimo e rigoroso; o que levou a desconsideração de uma série de outras formas de construção de saberes e maneiras de conhecimentos, digamos, mais coletivas e participativas; como os saberes militantes, espirituais, populares e de comunidades tradicionais, por exemplo, (Miglievich-Ribeiro, 2014). Esse processo de desconsideração se deu na subalternização de experiências e produções que não fossem euroreferenciadas, tendo como efeito a consolidação de uma “monolatria epistemológica”, isto é, a afirmação de que não poderia existir, em hipótese alguma, mais de uma *verdade* no campo do conhecimento (Lira & Trindade, 2016). Nessa direção, outras posturas filosóficas e epistemológicas começaram a interpelar a ciência hegemônica; tal como o sistema científico europeu que, até então, era definido, apresentado e, de certa forma, imposto (Alcoff, 2016).

Partindo dessas considerações, esse artigo pretende apresentar como a construção de um campo de pesquisa psicossocial acerca das relações raciais no Brasil pode contribuir ao campo de estudos sobre o processo da pesquisa científica, pontuar algumas visões de sujeito/sociedade em debate na Psicologia Social; demonstrar os dilemas de se investigar a classe média negra e, também, apontar-nos elementos importantes sobre as reflexões metodológicas narrativas na lapidação de uma *pergunta-problema* no campo racial. Traremos, por fim, junto a minha trajetória, as narrativas de alguns sujeitos que colaboraram na construção desse processo de pesquisa.

Consideramos, nesse contexto, que dentro de uma perspectiva crítica, qualitativa, coletiva e participativa de produção de conhecimento, uma exposição de nós mesmos torna-se um dos passos imprescindíveis quando decidimos publicar nossas investigações (Patai, 2010; Ribeiro, 2017) Não fazemos isso seguindo qualquer prescrição de me localizar, nessa pesquisa, por ser um negro de classe média universitário que estudou trajetórias negras de universitários de classe média; mas, sobretudo, porque esse problema de pesquisa surge *a partir* de mim, mas não *em* mim. Marcamos essa diferença como modo de reafirmar que a construção de um processo de pesquisa, certamente, atravessa-nos; mas não se finaliza em nossos corpos, práticas e conhecimentos; e, por isso mesmo, a necessidade de explicitarmos os atravessamentos inevitáveis ao processo científico. Narrar um pouco dessa história - com



os recortes significativos para a construção e investigação dessa pesquisa - significa reconstruir elementos, afetos, sentidos, histórias, conhecimentos e trajetórias que atravessam e coparticipam na lapidação da minha pertença social, racial, intelectual e política.

SOBRE A MINHA HISTÓRIA OU SOBRE A HISTÓRIA DE COMO SURTIU ESSE PROBLEMA DE PESQUISA

Assim como muitos estudantes com trajetórias estudantis privilegiadas⁵, acessei o ensino superior público na UFMG aos 17 anos de idade, logo que terminei o ensino médio. Comecei a me surpreender com o curso de Psicologia quando, no segundo período, escolhi a optativa “Diversidade Sexual” que me apresentou uma psicologia política, não individualista e compromissada com as transformações coletivas e o combate às desigualdades sociais. A partir daí, a Psicologia Social se tornou um campo com o qual eu estabeleceria o meu maior diálogo enquanto estudante e futuro profissional. No quarto período de Psicologia, foi a primeira vez que tive acesso a toda uma parte da literatura do pensamento social brasileiro sobre raça e racismo em nosso país; o que foi possível pela oferta de uma optativa sobre a Psicologia Social do Racismo. Ainda que, antes dessa disciplina, eu já tivesse alguma certeza de ser não branco, eu não havia produzido em mim nenhuma afirmatividade diante da negritude. Os debates feitos em sala de aula - sobre a construção da ideia de raça, o racismo constitutivo da identidade brasileira, o mito da democracia racial e seus desdobramentos psicossociais; os debates sobre branquitude e branqueamento, o dispositivo ideológico da mestiçagem, a invisibilidade do racismo, as dinâmicas do preconceito e as formas de combate e resistência a ele – deslocaram-me e com as novas lentes do cenário racial brasileiro, eu enxerguei um mundo onde eu, certamente⁶, era negro (Mayorga, Donato, Borges e Souza, 2013)

Assim, junto com outros colegas negros e não negros, construí novas referências para entender que raça e racismo importavam e que, nesse sentido, eu poderia ser preto, e

⁵ Pertencço a uma família de classe média e tive a oportunidade de fazer o final do ensino fundamental e todo o ensino médio em escolas particulares de Belo Horizonte.

⁶ Ainda que eu continue vivendo parte desse processo afirmativo de forma ambígua e paradoxal. O “certamente”, aqui, significa que a partir daí eu comecei a me afirmar negro publicamente, o que não ocorreu sem conflitos dentro de mim mesmo e com os outros.



não pardo. Mesmo assim, sempre li como equivocado ou muito diferente do padrão que minha pertença racial preta fosse consolidada em um espaço tão branco e elitista como a universidade. Tem-se a impressão que há certo consenso na literatura racial mais clássica e, no senso comum, de que construir-se negro é algo que ocorre em contextos historicamente vinculados à construção de solidariedade explícita entre negros referentes ao Movimento Negro e militâncias afins (Munanga, 2015). Ou seja, espaços em que as relações sociais são estabelecidas a partir de associações que promovem a sociabilidade e a politização entre os negros, permitindo o resgate da autoestima e a construção de estratégias de combate ao racismo. Seria legítimo que eu, *pretinho da classe média*, pudesse produzir uma pertença racial positiva a partir da minha inserção em um espaço, historicamente, tão elitizado e branco?

Com o andar da minha vida acadêmica, fui chamado a compor a equipe de um projeto de pesquisa e extensão nacional⁷ pela professora Claudia Mayorga, no qual estávamos interessados em compreender os processos de militância e engajamento de jovens em diferentes coletivos de Minas Gerais. Após alguns anos do início dessa pesquisa, a professora Claudia Mayorga já se encontrava em outro momento de sua carreira como pesquisadora. Ela transformara o Programa Conexões de Saberes⁸ em um núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão, congregando alunos da pós-graduação e suas pesquisas, bem como projetos coletivos de pesquisa e extensão com graduandos de diversos cursos e militantes de distintos grupos e coletivos. O núcleo Conexões busca colaborar, desde sua fundação (2012), com o debate e a implementação de políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras; desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão que têm como objetivo: a) compreender, de uma perspectiva psicossociológica e psicopolítica, os

⁷ Em âmbito nacional, a pesquisa “A Participação Social Juvenil: subjetividade, cultura, política e direitos” (MCT/CNPq 02/2009) foi coordenada pela Dra. Lúcia Rabello de Castro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas/ NIPIAC/UFRJ. E contou com participação de outros pesquisadores dos seguintes centros de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas - GEPCOL/UFPE; Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Relações Éticas, Estéticas e Processos de Criação- NUPRA/UFSC e Núcleo de Pesquisa em Psicologia Política – NPP/UFMG.

⁸ Programa nacional interessado em estimular maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, com troca de saberes, experiências e demandas, possibilitando que os jovens universitários de origem popular desenvolvessem a capacidade de produção de conhecimentos científicos e ampliassem a sua capacidade de intervenção em seu território de origem, oferecendo apoio financeiro e metodológico para isso.



processos da desigualdade social brasileira com foco na articulação entre questões de gênero, raça, sexualidade, território e geração; b) compreender processos de enfrentamento à desigualdade social brasileira através de análises de ações coletivas de resistência e ação política; c) desenvolver atividades de intervenção psicossocial que busquem contribuir com construção de dinâmicas menos marcadas por eixos de desigualdade e opressão na sociedade brasileira.

Fui convocado em 2014, então, após dois anos da finalização da minha graduação, a integrar a equipe de coordenação do projeto “Trajetórias”⁹, no qual aprofundi a minha leitura e participação em debates sobre democratização do acesso e da permanência de estudantes na UFMG, bem como, familiarizei-me mais com os assuntos sobre ações afirmativas e cotas nas universidades públicas. Ao final de 2014, tento o processo seletivo do mestrado e sou aprovado sob a orientação da professora Claudia Mayorga. Nesse momento, os paradoxos vivenciados, na UFMG, desde a minha graduação – ser negro e ser de classe média -, agora, na pós-graduação, intensificam-se. O que me faz pensar que é possível construir furos e brechas democráticos em uma intuição tão conservadora e com um histórico de elitização tão forte como a universidade pública. Uma postura de resistência que foi potencializada com a entrada da professora Claudia Mayorga na gestão central da universidade quando ela assumiu o cargo de Pró-Reitora Adjunta de Extensão da universidade (2014-2018). Criticar/modificar essa instituição começam a tornar a UFMG, então, muito mais do que um local de trabalho, mas uma instituição que revela problemas e dilemas que marcam a sociedade brasileira; produzindo e reproduzindo lógicas de poder. Mas, que em contrapartida, também, constroem espaços para o enfrentamento e resistência aos seus alicerces marcados por conservadorismos raciais e econômicos (Mayorga, Costa & Cardoso, 2010).

Ao identificar, por fim, uma potência no tema da classe média negra, interessamos em adentrar nessa literatura e pensar os dilemas e as dinâmicas de privilégio/opressão possíveis desse lugar ambíguo do *negro ascendido* (Figueiredo, 2002; Lerner, 2014). O

⁹ Trajetórias de jovens egressos de escola pública, negros e indígenas na UFMG (PBEXT/ UFMG). Propomos, aqui, o desenvolvimento de ações que propiciassem a valorização afirmativa da trajetória e experiência de estudantes de escola pública, negros e indígenas na UFMG. Compreendendo que a construção de boas condições de permanência na universidade deve ser um compromisso ético e político dessa instituição; dentro e fora dos muros da universidade.



meu lugar. Para tanto, somei a esse interesse o contato que tive com o debate da democratização da universidade e das ações afirmativas e elencamos o ensino superior público como um lugar interessante para pensarmos as lógicas do racismo brasileiro (Teixeira, 2003). Como é possível pertencer a essa instituição, a partir de seus referenciais brancocentrados, e potencializar-se negro?

A CONSTRUÇÃO DOS OBJETIVOS DE PESQUISA OU SOBRE COMO SINTETIZAR MÚLTIPLOS INTERESSES EM UMA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A atmosfera racial contemporânea, no Brasil, não pode ser comparada com o que era o cenário racial há trinta anos. Atualmente, ao lado do sistemático genocídio da juventude negra pobre, favelada e periférica; ampliaram-se os debates e a mobilização para reversão das desigualdades raciais, institucionalizando-se, por exemplo, as Ações Afirmativas e demais políticas de inclusão e valorização da população negra no país (Castro, 2017). Dentro desse cenário, os dilemas da classe média negra parecem ser um campo que ainda merece mais a nossa atenção dentro desse debate amplo do racismo brasileiro. Uma vez que, em geral, sujeitos com trajetórias marcadas por posições de privilégio, poder e prestígio parecem ter estado fora da literatura clássica sobre o tema. Isso por compartilharmos uma ideia na qual existe uma incompatibilidade entre ser negro e poder desfrutar dos bens associados à modernidade (Figueiredo 2002). Certamente, a pobreza brasileira tem cor e, a partir de alguns dados governamentais, podemos identificar uma discrepância simbólica, econômica e cultural entre negros e brancos (Pinheiro et al., 2008). No entanto, processos históricos de transformação possibilitaram que alguns negros pudessem começar a circular em espaços da elite econômica (Figueiredo & Furtado, 2014).

A partir de mudanças que foram efeito da distribuição de renda, da diminuição da pobreza e do crescimento do emprego e da formalidade no mercado de trabalho, a última década trouxe melhorias significativas para uma grande parte da população negra brasileira; elevando os rendimentos e o poder de consumo de muitas famílias (Andrews, 2007; Salata, 2015). Nesse sentido, há negros, que nos últimos anos, têm ocupado as classes econômicas médias e, nesse sentido, têm circulado em espaços de poder e privilégio onde há uma ausência histórica da população negra. Como a universidade pública, por exemplo. (Figueiredo & Furtado, 2014; Lerner, 2014)



Compreendemos, portanto, que a realização de uma pesquisa acerca da negritude em espaços brancos e elitizados – e, portanto de modo desterritorializado de uma comunidade ou de um movimento negro, explicitamente, assim autodeclarado – só foi possível por ter sido, ao mesmo tempo, um incômodo pessoal, científico, histórico e político. A minha trajetória, nesse sentido, só é possível, nesse artigo, enquanto uma ferramenta de análise de um problema coletivo e estrutural. Isto é, enquanto uma ponte para apresentar um campo de tensões sócio-políticas que potencializaram uma pergunta de pesquisa que aponta para as fronteiras de resistência que são possíveis em espaços, historicamente, tão conservadores como a universidade pública (Bourdieu, 2003; Grosfoguel, 2016). Um campo que foi possível e catalisado a partir dos meus dilemas, das minhas inserções em núcleos de pesquisa, parcerias acadêmicas e de um momento político-institucional antirracista na universidade pública. Como se daria, então, a trajetória de universitários negros de classe média na UFMG? (*Objetivo Geral*) Quais caminhos im(possibilitaram) a entrada no ensino superior público desses sujeitos? Como o preconceito e a discriminação racial são performadas nesses lugares? Quais estratégias e negociações de construção do (des)pertencimento racial desses jovens? Quais as concepções e percepções que esses jovens (re)produzem acerca da democratização do ensino superior público? (*Objetivos Específicos*).

Não queremos, de modo algum, sobrepor a minha história individual a uma conquista histórica e coletiva dos negros implicados com o antirracismo no Brasil. Mas, colocar-nos embebidos, nessa história, pode colaborar em apresentar os efeitos, no cotidiano de nossa pesquisa, de um movimento epistêmico e político antirracista em âmbito nacional.

O CAMPO DA PSICOLOGIA SOCIAL OU QUAL É A SUA CONCEPÇÃO DE SUJEITO E SOCIEDADE?

Assumimos que o caminho dessa pesquisa aconteceu a partir de alguns pontos nodais que foram sendo transformados numa complexa teia dialógica em que epistemologia-teoria-método-campo operaram de formas indissociáveis. O campo-tema considera que se somos parte importante na solução das perguntas, somos, também, parte constituinte dos problemas que temos em mãos (Spink, 2003). Dessa forma, consideramos



que pesquisar as relações raciais brasileiras - compreendendo a dinâmica de manutenção do racismo, bem como as formas de resistência a ele – implica a produção de um conhecimento científico, explicitamente, comprometido com a luta antirracista. Isso porque ao escolher falar sobre os processos de resistência desses sujeitos; lançamos luz à potência dos sujeitos de pesquisa, na universidade, e não só aos elementos que os violentam. Ora, é importante que continuemos olhando para os processos de violência racial que subalternizam os negros no Brasil. No entanto, apostamos, também, que há uma virada epistemológica importante em olhar *não só* para os problemas, mas também, para as propostas de mudança e combate ao racismo; de modo que não naturalizemos os lugares sociais impostos a brancos e negros no Brasil (Guimarães, 1999)

Gilberto:¹⁰ Por exemplo, assim é... (...) Quando que vem algum negro falar de alguma questão aqui, alguma pauta na universidade que não seja sobre racismo, ou cultura negra, ou quilombos, saca? Tipo assim já tem um lugar certinho assim pros negros aqui dentro dessa instituição. Tipo assim... Ah não semana da consciência negra chama fulano de tal (...) Para discutir meio ambiente, para discutir comunicação, para discutir psicologia onde é que estão os negros? Saca, isso não acontece. E tem muita gente capacitada por ai para falar desses assuntos, sabe?(...) Nós queremos ocupar inclusive os espaços de poder. Não espaço do espetáculo, saca? Para a galerinha ficar batendo palma. Não! Nós queremos reitores negros, saca?

Nessa direção, sujeito, contexto, história, relações e lugares sociais são processos e movimentos que precisam ser considerados ao pensarmos as análises que são tecidas em pesquisas implicadas, explicitamente, com o combate às desigualdades. Ao elencarmos a experiência dos universitários negros de classe média como um analisador das relações raciais no Brasil, não tomamos a experiência do sujeito como uma interpretação de si, mas como algo que, analiticamente, também requer interpretação. Nesse trecho, por exemplo, Gilberto aponta para a importância de se romper com referenciais branco-centrados de organização das dinâmicas universitárias. Nesse sentido, ele defende que a negritude deva ser potencializada em espaços de poder, historicamente, brancos.

Todo esse cenário de mudanças ascensionais sócio-raciais ajudam na construção de uma atmosfera em que as trajetórias negras tornam-se mais amplas, fluidas e possíveis,

¹⁰ Todos os nomes são fictícios



inclusive, em espaços outrora impensáveis. E, por isso, mesmo, optamos por não fazer uma pesquisa plenamente autobiográfica; mas apostar em um campo de narrativas e discordâncias que pudessem, inclusive, deslocar-me de mim mesmo; afinal, eu não era o único negro de classe média no mundo pensando *a partir de e sobre* esse lugar. Nessa direção, a narrativa do Gilberto foi primordial para que eu prestasse atenção ao que esse sujeito apresenta como uma armadilha: o perigo da essencialização de uma dicotomia racial; como se toda negociação com o *mundo dos brancos* (aqui, a universidade) fosse uma entrega total às amarras do racismo.

Essa pesquisa, portanto, compreendeu a categoria *sujeito/sociedade* como um elemento híbrido, complexo e paradoxal. Nesse sentido, a subjetividade deriva de lógicas que não se localizam apenas no sujeito e/ou, apenas, na estrutura. O sujeito, assim como a sociedade, é uma categoria histórica e heterogeneamente construída dentro de uma ampla gama de práticas e discursos temporais, frágeis e densos. Não faria sentido em falar de um sujeito racional super conhecedor de si; mas de posições subjetivas diante das dinâmicas privadas, públicas, políticas e institucionais; sendo o que chamamos de trajetória *em si* o efeito forjado de uma fixação parcial de experiências mediante a criação de pontos nodais para análise de uma pesquisa com objetivos muito específicos. Isso significa que a trajetória *em si* nada é. Ela só existe por um recorte arbitrário de análise do pesquisador. Jamais a encontraremos ensimesmada, mas poderemos tangenciar os efeitos de posições de nossos sujeitos de pesquisa em situações e cenas da vida cotidiana que dão indícios sobre suas existências que acontecem no campo sócio-histórico e na sociedade. Sendo assim, concebemos, aqui, o sujeito como um ser não-essencializado, resultado de uma experiência histórica e processual, portanto. A questão do sujeito, nesse sentido, não é a questão de uma substância, mas de um projeto a ser realizado em parte pelos indivíduos e, também, em função de uma mudança que se refere não, apenas, aos seres humanos na sua singularidade, mas à sociedade em seu conjunto (Afonso, 2011; Costa, 2002). *Querer um reitor negro*, nesse sentido, não se trata de um desejo da ordem individual. Mas, uma demanda coletiva de que os negros estejam representados nos lugares de construção de conhecimento centrais do Estado.



O contexto racial brasileiro, nesse sentido, propicia mediações bastante diferenciadas para a constituição de sujeitos e, portanto para a subjetividade de brancos e não-brancos. A marca da construção da diferença e desigualdade entre brancos e negros perpassa toda a socialização desses sujeitos onde há a supervalorização da branquitude – experienciada como uma essência herdada natural da humanidade – e a negritude como tudo aquilo que se relaciona negativamente a formação da nação brasileira (Schucman, 2014).

Dandara: a minha identidade ela não foi dada, a pessoa branca a identidade dela é dada, a nossa e sempre uma busca, é uma conquista, é uma luta, pra ter referência positiva do que é você (...) ela é sofrida, ela é difícil.

Uma vez que o espaço da universidade começa a se resignificar a partir de pressões do movimento negro e das políticas de ação afirmativa, pela presença de sujeitos negros e pela fortificação do pensamento intelectual sobre raça e racismo; abre-se uma brecha no ensino superior público em direção a horizontes mais democráticos. Em um país em que a negritude é associada às mais diversas carências (econômicas, intelectuais, culturais, materiais e estéticas); tomar a universidade como um lugar de poder que, sócio-ideologicamente, foi construído por brancos e para brancos, é primordial para que nos interroguemos sobre os negros que compõem o corpo discente da universidade.

Nilma: Acho que só depois do início da universidade que eu tive certeza da minha negritude, porque eu sabia que eu era preta, mas eu era alheia às questões de discussão racial. Depois que eu entrei na universidade, que aí que começa essa noção maior de entender e procurar buscar saber essas informações todas que não nos é passada na vida.

Se, historicamente, existe uma tensão entre a militância negra e a intelectualidade universitária; a partir da formação de mais negros *intelectualizados*, a tensão que antes se devia ao fato de os negros estarem fora da universidade; hoje reverbera a partir da posição de sujeitos negros militantes e acadêmicos. Com isso, queremos dizer que a demanda negra militante tornou-se demanda negra, também, acadêmica. E é curioso que alguns negros fortifiquem as suas trajetórias no âmbito de uma instituição que, historicamente, exclui essa população.



Os sujeitos em sociedade, portanto, podem transgridir, escapar, renomear, ressignificar e modular o que está colocado; colocando em xeque a dimensão da existência de uma superestrutura ou de uma autogestão dos sujeitos que seja alheia aos jogos e as dinâmicas societárias. A Psicologia Social pode atuar, nessa direção, como um campo de preocupações cunhada nesse dilema e impasse, e pode nos ajudar a buscar significações - e não verdades - em suas análises dos sujeitos e dos problemas sociais. Só podemos, definitivamente, enfrentar o problema da relação sujeito e sociedade diante desse problema em que o sujeito e a sociedade se (in)determinam (Zanella, 2004).

Desse modo, na investigação de sujeitos em sociedade, parece-nos equivocado dissociar teoria e método e, tampouco, negligenciar os aspectos epistemológicos, ideológicos, coletivos, participativos e éticos envolvidos na escolha de um problema de pesquisa. Isso porque que esse complexo emaranhando existencial tem importantes implicações práticas na condução da investigação. Ora, eu olhei para outros negros de classe média a partir de posições, posturas e leituras teórico-conceituais construídas no âmbito *desta* existência: uma existência que é histórica; mas que não é a única história. Esforçamo-nos, então, no sentido, de não totalizar a minha experiência; mas toma-la como ponto de partida ou como uma potência analítica para investigar sujeitos parecidos comigo; mas que não fossem eu mesmo. Esse movimento de ir e vir na lapidação de uma *pergunta-problema* e na análise dos *dados* é, sem dúvida alguma, uma esfera difícil; mas não impossível do processo investigativo. Precisamos enfrentá-la de frente e isso só será possível quando entendermos e consentirmos que se afastar de um problema de pesquisa não é, jamais, separar-se dele; mas olhá-lo (e, portanto, modificá-lo) a partir de concepções e leituras não consensuais. O problema de pesquisa, nesse contexto, não existe em si mesmo. Ele se torna um problema - no sentido de um assunto controverso e pesquisável - quando o nosso olhar o constrói e o legitima nesse lugar. Na realização dessa pesquisa foi, por exemplo, a intervenção de uma sujeita de pesquisa que nos levou a garantir conversas com negros de classe média de outras áreas do conhecimento que não, apenas, aqueles pertencentes às humanidades. As humanidades estavam sendo uma predileção na seleção dos sujeitos de pesquisa sem que eu o percebesse.

Dandara: desculpa intrometer assim, mas ela (uma amiga pesquisadora que, também, trabalha com classe média negra) entrevistou um colega meu que ele faz



engenharia civil e ela falou assim “parece que é outra pesquisa que eu to fazendo...”. Sua pesquisa pode ser homogênea né?(...), não sei também, pode ser que seja o seu objetivo (...)

Interpelado por esse momento, garanti que, nessa pesquisa, existissem sujeitos de distintas áreas do conhecimento - humanidades, sociais aplicadas, exatas e ciências agrárias – garantido a pluralidade de uma pesquisa interessada não na trajetória de um sujeito das humanidades; mas nas dinâmicas coletivas e políticas do racismo e do antirracismo universitário a partir de distintos lugares de saber. Salve, Dandara!

OS UNIVERSITÁRIOS NEGROS DE CLASSE MÉDIA OU SOBRE COMO INVENTAMOS OS SUJEITOS DE PESQUISA

Sabíamos, desde o início da proposta dessa pesquisa, que seria um desafio encontrar os sujeitos que se interessassem pelos objetivos dessa pesquisa dado o caráter controverso do tema da classe média negra. Esse segmento parece ser considerado, pelos pesquisadores, como um objeto de pesquisa “pouco simpático”, uma vez que são lidos como traidores - que no processo de ascensão - esqueceram-se dos negros ou como “metidos a branco” que incorporaram valores e estilos da classe média branca, na tentativa de embranquecerem socialmente (Figueiredo, 2002) Certamente, eu não era o único negro de classe média que estudava na UFMG e comecei a me perguntar sobre como, a partir de critérios de raça e classe tão difusos na construção do pensamento social brasileiro (Guimarães, 1999; Souza, 2005), eu poderia elencar critérios mínimos de definição que me aproximassem de alguns sujeitos para uma conversa.

As pesquisas qualitativas sobre raça e racismo no país, acompanhando os critérios dos censos e da Ação Afirmativa, têm adotado a política da autodeclaração racial quando se trata de determinar quem é negro (preto ou pardo), Branco, Asiático ou Indígena. Quanto a isso, saberia que deveria me reportar e conversar com sujeitos que declaram a si mesmos como negros, haja vista que esse parece ser o consenso adotado em pesquisas que operam sob os critérios raciais. Não fiz isso partindo do pressuposto de que a autodeclaração racial é perfeita para tal política pública; mas acompanhando o campo de estudo das relações raciais e apostando na autonomia dos sujeitos em definir a si mesmos dentro de uma sociedade multirracial como a brasileira.



Em relação ao critério de classe e, por extensão, ao de classe média, senti-me extremamente desconfortável com as predefinições e a construção de critérios mínimos para consensuar quem poderia ser um potencial sujeito da nossa pesquisa. Em primeiro lugar, porque nunca havia trabalhado com tanta profundidade com a categoria de classe (em detrimento de classe, sempre operei com a ideia de pobreza) e, além disso, porque a literatura a qual tive acesso era, radicalmente, polifônica em relação às definições de classe média (Chauí, 2004; Souza, 2005) Fiz a opção, em orientação, de elencar alguém que eu pudesse identificar como negro, universitário e pertencente à classe média a partir da minha visão sobre a categoria classe como um analisador/descritor de elementos como a história individual, o contexto social e processos de identificação coletivo desse potencial sujeito. Pensei, então, em critérios como (suposta) renda, conhecimento do perfil laboral pessoal e da família, visões políticas e de mundo, espaços de participação social e política, estética, religião, acesso e práticas de saúde, bem como saberes e formas de sociabilidade que teriam a potência de me dar pistas sobre as trajetórias negras universitárias de classe média. É, nesse momento, que Dandara aparece como uma escolha. No entanto, o não acesso às rendas dos sujeitos deixou-nos em dúvida sobre quem participaria dessa pesquisa. Isso porque tentamos romper com um viés economicista/materialista de classe. Ou seja, na tentativa de romper com o perigo da supremacia da renda – comum em pesquisas sobre a classe média -, negligenciamos um fator que, junto aos outros aspectos da vida desses sujeitos, somariam mais qualidade as nossas investigações.

Nilma, por exemplo, sujeita indicada por um amigo próximo, provocou-nos dúvidas em relação a sua pertença ou não à classe média brasileira muito em função de seus relatos se distanciarem da posição dos outros sujeitos que, também, compuseram esse campo.

Ricardo: eu queria entender como você enxerga isso assim, você se localiza dentro de algum setor econômico, você lê esse processo seu como um processo de mobilidade econômica, de ascensão econômica?

Nilma: Eu não acredito que tenha tido ascensão econômica, até porque o trabalho que eu tenho hoje é o mesmo que eu tinha antigamente. Economicamente eu continuo na mesma situação, minha família continua na mesma base, mas eu acho que a diferença mesmo seja o capital científico, técnico, que tenha um diferencial, aí sim teria uma ascensão. (...)Então considerando nesse aspecto de técnico, aí sim pode se considerar uma ascensão, mas de classe eu acho que não, a gente continua na mesma classe assim.



Ricardo: Qual classe?

Nilma: Eu considero como classe C mesmo assim, o que mudou hoje em dia é que a classe C tem uma possibilidade de acesso às coisas maior, a bens de consumo maior, mas que também que eu acho que às vezes é meio que uma ilusão assim (...)

Esse diálogo levou-nos a pensar que, de fato, definir a classe média em termos mais amplos do que os financeiros não é uma tarefa fácil. Essa definição ampliada nos demanda uma construção que ultrapassa a classe média em termos restritos ao consumo. A posição de Nilma aponta para a importância da renda no reconhecimento de si no matiz da classe, ao mesmo tempo, que nos convoca a pensar na classe em termos relacionais e fluidos onde elementos como o capital intelectual, econômico, simbólico e de consumo se confundem na subjetivação dos sujeitos. Não intencionamos, por fim, produzir nenhuma exegese conceitual de classe e, por outro lado, sustentamos a nossa visão entendendo a classe média e o surgimento dessa *nova* não só como um elemento empírico; mas como um dispositivo que organiza vidas e instituições.

Consumo, trabalho, acesso a bens, serviços, espaços da cidade; mudanças que também afetam não apenas quem pode ascender socialmente, como aqueles que passam a, de maneiras diversas, conviver com essas pessoas. Isto é, nomear alguém como “nova classe média” implica intensos efeitos em toda nossa sociedade. Verdadeira ou não, a “nova classe média” fala de um fenômeno real, isto é, que aciona realidades, produzindo novas formas dos sujeitos consumirem, morarem, vestirem-se, novas possibilidades de acesso a bens e serviços, novos desejos, modos de entender a si mesmo, os outros e o mundo e de se relacionar, consigo e com os outros. (Saraiva et al. 2015, P 59)

As demais – inúmeras - inseguranças advindas dessa ser a minha primeira grande pesquisa; levaram-me a elencar alguém do meu círculo próximo de relações afetivas - uma jovem negra da pós-graduação da Escola de Veterinária - para fazer uma espécie de entrevista-teste antes de *abrir*, oficialmente, o campo de pesquisa com a Dandara (eu já não era - eu mesmo - o próprio campo? Parte do campo?). Ainda com todo o *arrepio positivista* - não condizente com a construção dessa pesquisa - que a ideia de uma entrevista-teste possa provocar, era importante, para mim, que eu pudesse *testar* o meu instrumento de pesquisa. Escolhi, então, alguém muito próximo a mim que se disponibilizou para essa entrevista-teste: Maria, sujeita com quem sempre compartilhei dilemas sobre ser negra e ter privilégios econômicos. Realizada a conversa, tive a convicção de que esse suposto teste



nada mais era do que o campo da pesquisa tomando voz e trajetória a partir daquela mulher negra. Não havia qualquer situação artificial ali que justificasse aquele momento como um teste. Aquilo era uma pesquisa acontecendo, era uma interação tão intensa e tão potente para os meus objetivos de pesquisa que pensei que aquela troca - compondo ou não o corpo de análise propriamente dito - já havia me transformado e redimensionado o meu campo-tema. Escolhi, por fim, manter a história de Maria como parte constituinte dessa pesquisa, então, o que era teste (nunca o foi, na verdade!), tornou-se a primeira narrativa dessa pesquisa.

Maria: eles (amigos da universidade) sempre falam que eu estou me colocando de vítima. Ou que eu sou o exemplo clássico de que não precisa de cota. (...) Por muito tempo eu fiquei calada, eu engoli seco muita coisa que eles postavam, muitas piadas racistas, e eu engolia seco e como eu sou muito emotiva eu chorava muito. (...) E eu falei assim “Quer saber se eles estão falando o que querem, eu vou falar o que quero também e eles vão escutar. (...) Eu vejo que eu estou ganhando espaço. Eu faço parte de um grupo e esse grupo está crescendo. Mesmo que eu não tenha entrado por cota, mesmo que eu ainda não tenha utilizado cota. Eu vejo os trabalhos de ações afirmativas, eu me sinto mais forte. Eu só consegui não me calar diante de um grupo de brancos (...) E consegui me posicionar, mesmo que as pessoas virem para mim e falem que é mimimi. E eu não sinto mais dor quando falam comigo que é mimimi, coisas que antes eu sentia, por causa dessas políticas. (...) Eu vejo que eu tenho um grupo que está junto comigo, que eu não estou só. Eu não estou sozinha. E eu sinto que eu estou indo. Eu vou com eles, quando eles vão dando o passo para frente eu vou junto. Se essas políticas vão para trás, eu caio junto. Eu estou fora. Eu estou morta junto com eles. E eles indo para frente eu estou indo junto. Estou me fortalecendo.

A posição de Maria lança luz à intricada relação entre o indivíduo e a sociedade quando se leva em conta a negritude, as ações afirmativas e combate ao racismo. Maria defende que, ainda, desterritorializada de uma comunidade explicitamente negra de origem, ela se reterritorializa em uma comunidade negra acadêmica. Politizando as suas relações e potencializando a sua trajetória.

Em seguida, surgem os outros sujeitos de pesquisa que foram chegando a mim de jeitos bem distintos que não obedeceram a uma *bola de neve* tradicional. Isto é, alguns amigos próximos tinham conhecimento acerca de meu tema de pesquisa e começaram a me fazer algumas indicações de sujeitos para essa pesquisa; sujeitos que procurei por uma rede



social virtual e mandei cartas-convite padrão para a participação na pesquisa¹¹. Quanto ao critério universitário, a primeira escolha foi a de garantir uma conversa com sujeitos negros que estivessem matriculados na graduação da universidade, apostando que esses seriam os sujeitos que estariam vivendo mais de perto os processos de democratização e institucionalização das cotas em nível federal. Ou seja, tendo em vista os objetivos dessa pesquisa, esses sujeitos teriam mais condições de nos dar informações sobre concepções e percepções que negros universitários de classe média (re)produzem acerca da democratização do ensino superior público, pois estariam vivendo um momento contingencial ao aumento de negros e do debate sobre raça e racismo na universidade pública.

No entanto, com toda a potência analítica e as contribuições trazidas por Milton (um homem já graduado, profissional no mercado e que havia estudado na UFMG), compreendi que uma pesquisa qualitativa como essa poderia se debruçar sobre trajetórias universitárias e não sobre universitários matriculados na UFMG. Isso porque toda e qualquer trajetória, independentemente de ser narrada no momento presente ou ser retomada no futuro, é uma (re)interpretação. Ora, as narrativas e os relatos de trajetórias são um momento em que o sujeito fala de si e se re(inventa), não estando eu - enquanto pesquisador, participante e ouvinte - preocupado com a verdade e/ou linearidade do que esses sujeitos dizem. Assumi a posição, sobretudo, de estar interessado em compreender como esses sujeitos se colocavam como agentes de sua história, atentando-me para as posições, os deslocamentos e as contradições em seus percursos percorridos, de modo a compreender passado, presente e futuro não como linearidade dos fatos, mas como elementos que compõem as posições subjetivas desses sujeitos diante de seus contextos. Milton, por exemplo, relembra de sua graduação e sinaliza um momento em que quase pensou em desistir da universidade pública. Algo que ele rememora com uma forte presença afetiva de um evento que havia acontecido há quase cinco anos atrás do momento da nossa conversa.

Milton: percebi que eu era da sociologia, eu gosto muito de sociologia, dos estudos sociológicos, das análises sociológicas, dos autores de sociologia, comecei a gostar muito, mas definitivamente faltava alguma coisa, e eu só fui me encontrar na vida acadêmica na Educação(...)(...) Nas disciplinas, e depois nas discussões das

¹¹ Número do COEP: 57289516.6.0000.5149



disciplinas, e com a minha própria análise eu comecei a perceber a falta de representatividade negra na universidade (...) me tirava todo o prazer de estudar ali, não tinha colegas negros, eu não tinha professores negros, eu não tinha matérias sobre discussões éticas raciais, (...) não tinham professores negros, então eu percebi que essa falta de representatividade negra pra mim ela foi quase determinante pra eu sair do curso (...)

De qualquer modo, o que foi importante garantir, nessas amplas conversas, eram perguntas e intervenções que levassem em consideração a classe média negra em seus diversos âmbitos, principalmente, aqueles que não contemplassem apenas as transformações socioeconômicas em suas trajetórias. Mas, sobretudo, que estivessem atentas aos dilemas que esses sujeitos vivem de um lugar, por um lado racializado e, por outro, economicamente privilegiado. Como, por exemplo, na narrativa do Milton, que denuncia o acesso a um conhecimento considerado qualificado; mas, apenas, referenciado a partir de autores brancos e europeus.

Por fim, ao total, foram construídas, nessa pesquisa, oito narrativas com quatro homens e quatro mulheres autodeclarados pretos da UFMG. Narrativas que nos permitiram identificar uma pluralidade muito grande nessas experiências universitárias negras; mostrando-nos que a trajetória racial no Brasil é, radicalmente, heterogênea (Teixeira, 2003). Para além da perspectiva da desumanização imposta pela sociedade branca hegemônica, por meio das desigualdades de poder; existem outras práticas sociais, outros processos educativos e outras formas de desenvolver a subjetividade que estão em curso no Brasil; disputando as narrativas universais de se contar a história do mundo e de se (re)produzir conhecimento (Nogueira, 2014).¹²

AS NARRATIVAS COMO UM RECURSO METODOLÓGICO OU SOBRE QUEM É O SUJEITO DA NARRATIVA

Por termos encarado, nesse projeto, o sujeito como construtor ativo de significados; rompemos com a ideia de que é possível eliminar a subjetividade humana do processo investigativo (Fonte, 2006). Nesse sentido, os sujeitos organizariam suas experiências, no mundo social, através de narrativas que seriam indissociáveis da experiência de existir. Nessa direção, o relato de si mesmo, fundamentalmente, pode ser tomado como um *locus*

¹² Para mais informações sobre todos os sujeitos, acessar a pesquisa completa.



privilegiado do encontro entre os sujeitos e sua inscrição numa história social e cultural. Ora, “o que está em jogo nessa trama da existência narrada é a tensão permanente entre as forças organizadoras da ordem e da concordância e as forças da discordância, do caos, da surpresa, do inesperado e arbitrário do destino” (Carvalho, 2003, p.288; Fonte, 2006)

As tensões e a surpresa foram tão grandes, em momentos das construções narrativas dessa pesquisa, que me emocionei, fortemente, junto às narrativas de alguns sujeitos. É impossível não se recordar do momento em que Maria narra uma história que me comoveu, profundamente, muito pela perversidade da violência sofrida; bem como pelos desdobramentos seguintes depois da discriminação experienciada em um colégio particular de Belo Horizonte. A sua fala pausada, carregada de muitas lágrimas e um choro doloroso foram o gatilho para que eu pudesse abraça-la, também com os olhos marejados, e agradecê-la por ter compartilhado algo tão íntimo e violento comigo.¹³ Do mesmo modo, jamais me esquecerei de quando Nilma ficou extremamente emotiva e triste ao narrar a postura de um professor, em sala de aula, de descrédito em relação a sua turma de terceiro ano em uma escola pública da região metropolitana de Belo Horizonte. Estávamos, eu e ela, sentados em uma mesa de reunião e peguei em sua mão; como alguém que diz: estou com você.

Nilma: desculpe por estar chorando.

Ricardo: tudo bem! Você quer que a gente pare?

Sendo assim, ao contarem as suas histórias, os indivíduos não pretendem, somente, memorizar e reelaborar suas experiências: eles, também pretendem, explicitamente, posicionar-se diante de suas histórias; convencendo, persuadindo, emocionando e impressionando os seus interlocutores. (Fonte, 2006). As narrativas nos permitem potencializar, portanto, as análises das relações entre sujeito, sociedade e historicidade. Isso porque a fronteira que demarca esses elementos começa a ser vista menos como oposição e mais como área de negociação e trânsito entre esferas; já que, na vida cotidiana, os três constituem-se mutuamente (Carvalho, 2003). O que, de fato, vem de comum acordo ao

¹³ O trecho a que nos referimos, aqui, é muito extenso e, por isso mesmo, não se encontra localizado nesse artigo. Para mais informações, ler a página 185 da pesquisa completa publicada.



campo investigativo da Psicologia Social que atravessa a radical relação entre sujeito e sociedade.

É justamente por estar embebida em processos sócio-históricos e linguísticos complexos que as narrativas não se constituem como algo eterno e permanente; mas, pelo contrário, estão sempre se transformando na contínua atividade de (re)construção sobre as experiências. Assim, estamos sempre recontando as mesmas histórias e, ao mesmo tempo, recriando-as. As narrativas mudam: todas as histórias são parciais e incompletas. Não há significado fixo nas experiências do passado, nas contingências presentes e nas projeções futuras; e por isso, a cada novo contexto, o relato varia, a audiência difere e a narrativa é modificada (Carvalho, 2003; Fonte, 2006).

Embebidos por essa atmosfera, alguns sujeitos negros de classe média sinalizaram ter mudado suas opiniões sobre as desigualdades de raça e classe a partir da aproximação com setores negros populares, por exemplo. No momento em que Benedita narra sobre o seu encontro com a militância de negras universitárias - ao que ela indica, muitas das quais de origem popular - é possível que reconheçamos um argumento comum às tensões que existem entre os setores médios e populares no Brasil. Comumente, os setores mais populares são lidos como irracionais e, por esse motivo, mais radicais em suas posições. No entanto, o encontro de Benedita com um coletivo de mulheres negras produz um movimento de reposição:

Benedita: no início assim eu lembro que eu vi uma apresentação delas logo no início e eu achei muito agressiva. (...)Aí hoje em dia eu penso assim, elas não são agressivas de maneira alguma, sabe? (...)O que elas lutam, o que elas sofrem e as opressões são diferentes das minhas. Eu não posso chegar e falar que é menos legítimo porque é “agressivo” sabe?

A jovem repensa a cena, alterando a forma como narra esse momento; considerando, em nossa conversa, que a agressividade contida nas falas e nas ações das pretas faveladas acompanhavam um processo de subalternização e violência, que na trajetória de Benedita, foram re(moduladas) ou impedidas a partir de seus privilégios de classe (Davis, 2016). Nessa situação narrativa, o sentido de uma expressão oral não está nunca aprisionado numa intenção ou significado prévio, mas é efeito imprevisível de um



contexto onde essa comunicação acontece, fadado, portanto, às vicissitudes da recriação permanente. Nesse sentido, a condição de um sujeito que narra sua vida coloca-o numa posição que é, ao mesmo tempo, de autor e de intérprete de si mesmo (Carvalho, 2003).

Na escolha pelos relatos narrativos, portanto, deixamos de coletar produções de fatos individuais e estamos interessados na interpenetração entre sujeito e história, bem como entre os acontecimentos, as leituras e as interpretações que os sujeitos fazem de si mesmos e dos outros. A análise das narrativas é, sobretudo, possível dentro de uma situação comunicativa e, nesse sentido, o sujeito narra sua história de vida; descrevendo situações e argumentando sobre problemas significativos e recorrentes em sua vida e como ele se relaciona com isso. O pesquisador, nessa direção, ao operar com esse material comunicativo, torna-se, imediatamente, ele mesmo um interlocutor, integrando o circuito dialógico da produção do conhecimento (Carvalho, 2003).

Por fim, acreditamos ser importante explicitar que a escolha metodológica pela construção das narrativas não foi uma decisão feita à priori; mas, sobretudo, considerada uma possível forma de interação com os sujeitos de pesquisa depois da realização das primeiras conversas. Com isso queremos dizer que, na realização das conversas, eu estava munido de um roteiro que continha quatro eixos temáticos para investigação que, quando não pontuados espontaneamente pelos sujeitos, eram solicitados a meu pedido. O primeiro eixo temático - elencar elementos das trajetórias familiares dos sujeitos de pesquisa que im(possibilitaram) a entrada no ensino superior - já tinha um potencial disparador narrativo muito amplo e, invariavelmente, outros pontos de meu interesse de pesquisa, eram, também, pontuados nas falas. Foi a partir desse disparador, portanto, que pude ter acesso a elementos que apontassem para a construção de seus pertencimentos raciais, experiências familiares e sociais de preconceito e discriminação, bem como suas percepções sobre ações afirmativas e a democratização do ensino superior público. Definitivamente, foi após a escuta sistemática dos áudios e das leituras das transcrições que optamos por localizar essa pesquisa dentro do campo das narrativas; o que não poderia ter sido diferente, dado que:

Finalmente, se a atividade do pesquisador cria o processo e o produto ao mesmo tempo, o método não pode ser previsto, prescrito ou previamente definido, pois



necessita de sua atuação (performance) para que se constitua sempre em ressonância com seu contexto de produção (Moscheta, 2011, p.92).

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU SOBRE QUANDO SUJEITO E *OBJETO* (SUJEITO?) SE PESQUISAM

A escrita desse artigo partiu de um desejo pessoal/coletivo de narrar, ainda que mínima e rapidamente, alguns meandros do processo investigativo, no âmbito da Psicologia Social, sobre as trajetórias de universitários negros da classe média na UFMG. Essa vontade se deu, sobretudo, para contribuir na consolidação de um campo de estudo da ciência que rompa com padrões e modelos únicos da produção de conhecimento. Reconhecemos, nessa direção, a pluralidade e a complexidade constitutiva na investigação de um problema de pesquisa embebido, explicitamente, na subjetividade racial do próprio pesquisador; provando que não há construção de saber sem riscos (Schucman, Costa & Cardoso, 2012)

Nesse sentido, eu poderia ter sido o meu próprio sujeito de pesquisa. E o fui. Recusamos, por outro lado, na construção dessa pesquisa, a minha experiência como sendo o ponto *central/natural* das trajetórias de negros médios universitários. Partindo, certamente, de uma questão pessoal; apoiamo-nos em uma série de investigações, leituras e posições científico-político-militantes que nos ajudaram a transformar o dilema de um único sujeito em uma pergunta válida para um programa de pós-graduação e para a sociedade. Não temos o menor constrangimento, aqui, em reconhecer que o conhecimento produzido emerge da interação entre o sujeito e o seu contexto; entre nós pesquisadores e o nosso contexto e, finalmente, entre os contextos dos pesquisadores e dos sujeitos (Fonte, 2006). De modo que, por exemplo, lançar luz à afirmatividade desses sujeitos de pesquisa implicou, em alguma medida, lançar luz às minhas fragilidades; fossem elas intelectuais, políticas ou de outra ordem. E foi, justamente, essa fragilidade que acabou me colocando no centro da pesquisa – não no lugar do pesquisador da torre de marfim -; mas, sobretudo, como parte constituinte do processo de invenção e resolução – jamais final – de um problema de pesquisa. Eu, também, fui pesquisado, analisado, interpelado e deslocado pelos meus sujeitos (e não objetos) de pesquisa. De modo que alterei, ressignifiquei e fiz escolhas científico-políticas em diálogo com essas outras trajetórias.



Nesse sentido, o problema da classe média negra universitária nos colocou diante de vieses teóricos e políticos haja vista a forma como o racismo e o antirracismo brasileiro operam em toda a sua complexidade, invisibilidade e ambiguidade. Os negros universitários de classe média se encontram em constante construção pela sua socialização nas famílias, nas instituições e nos amplos discursos colocados em torno de suas experiências. Separar esses elementos, certamente, despolitizaria essas trajetórias e, por isso, mesmo os relatos narrativos foram tão bem-vindos como o sustentáculo epistêmico-metodológico desse trabalho.

Consideramos, portanto, que ainda que isso seja um tabu em alguns campos científicos; é importante assumir como que as escolhas de pesquisa, em todo o seu processo produtivo, são um ato político. Quando apontamos alguns processos de um pesquisador negro de classe média entrevistando universitários negros de classe média não estamos querendo dizer que o que se deu, nesse processo de pesquisa, foi *menos* conhecimento ou desconhecimento e, definitivamente, não estamos pedindo licença ou desculpas por produzir o que produzimos. Mas, sobretudo, reconhecemos e assumimos que ciência se faz a partir do paradigma da humanidade. Entendendo que a atividade humana, na medida em que está implicada em si mesma e em relação aos outros, é política; é preciso que explicitemos nossos pressupostos teórico-epistemológicos e que, ao fazê-lo, assumamos os aspectos político-ideológicos inerentes às nossas práticas de investigação (Narvaz, & Koller, 2006). Aqui, o interesse não foi, *apenas*, fazer uma pesquisa; mas, sobretudo, poder compor um projeto político e científico epistêmico-teórico-conceitualmente comprometido com o descortinamento do racismo e de construções para o seu combate no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Lucia Miranda. Notas sobre sujeito e autonomia na intervenção psicossocial. *Psicologia em revista*, v. 17, n. 3, p. 445-464, 2011.
- ALCOFF, Linda Martín. “Uma epistemologia para a próxima revolução”. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 129-143, 2016
- ANDREWS, George Reid. *América afro-latina, 1800-2000*. EdUFSCar, 2016



BOURDIEU, Pierre. *Usos sociais da ciência*. Unesp, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes antropológicos*, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.

CASTRO, Ricardo Dias. Nós queremos reitores negros, saca?: trajetórias de universitários negros de classe média na UFMG. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. In *Coleção primeiros passos* (Vol. 13). Brasiliense, 2004.

COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *cadernos pagu*, v. 19, p. 59, 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial, 2016.

FIGUEIREDO, Ângela & FURTADO, Cláudio Alves. As elites negras. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves. *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. EDUFBA, 2014.

FIGUEIREDO, Angela. *Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador*. Annablume, 2002.

FONTE, Carla A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: teoria e prática*, v. 8, n. 2, p. 123-131, 2006.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Editora 34, 1999.

LATOUR, B. "Você acredita na realidade?" Notícias das trincheiras das Guerras na Ciência. In: B. Latour (Org.). *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Trad.: Gilson César C. de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 13-37, 2001

LERNER, Samara Mancebo. A política de cotas raciais no Brasil segundo a percepção de negros de camadas médias do Rio de Janeiro. *Sociedade e Cultura*, v. 17, n. 2, 2014.

LIRA, David Pessoa. de; TRINDADE, Celio Juliano Barroso. Elementos epistemológicos e filosóficos etnocêntricos: inversão de paradigmas afro em diáspora. *Estudos Teológicos*, v. 55, n. 1, p. 34-46, 2016.

MAYORGA, C. COSTA, F., CARDOSO, T. Universidade Pública no Brasil: entre privilégios e direitos. In: C. Mayorga (Org.). *Universidade Cindida, universidade em Conexão: Ensaio sobre a*



democratização da Universidade. UFMG, 2010.

MAYORGA, Cláudia. Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 18, n. 2, p. 343-350, 2013.

MAYORGA, Claudia.; DONATO, Cássia Reis., BORGES, Larissa Amorim Borges., SOUZA, Luciana Maria. Psicologia social do racismo e a formação em psicologia. *Centro de Documentación, Investigación y Difusión de la Carrera de Psicología*, Universidad Católica “Ntra. Sra. De la Asunción”, 2013.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 1, 2014.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência a saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude-usos e sentidos*. Autentica, 2015.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. Tradução Ricardo Santhiago. História oral, feminismo e política. Letra e voz, 2010

PINHEIRO, Luana et al. Retrato das desigualdades de gênero e raça. IPEA, 2008.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017

SALATA, André Ricardo. Quem é classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 58, n. 1, 2015.

SARAIVA, Luís Fernando de Oliveira et al. A “nova classe média”: repercussões psicossociais em famílias brasileiras. *Psicologia USP*, v. 26, n. 1, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 83-94, 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer; COSTA, Eliane Silvia; CARDOSO, Lourenço. Quando a identidade racial do pesquisador deve ser considerada: Paridade e Assimetria Racial. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 4, n. 8, p. 15-29, 2012.

SOUZA, J. Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. *Lua Nova*, 65, 43-69, 2005.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-

construcionista. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

TEIXEIRA, Moema. *Negros na universidade: identidade e trajetórias de ascensão social no Rio de Janeiro*. Pallas Editora, 2003.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em estudo*, v. 9, n. 1, p. 127-135, 2004.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018

365